

Tipo 4 da dengue ressurgiu no país

O reaparecimento do vírus tipo 4 da dengue no país, em agosto de 2010, somou preocupações às já recorrentes epidemias que ocorrem durante o verão. Mas o Ministério da Saúde assegura

que o tipo 4 não tem tido a capacidade de “produzir epidemias explosivas ou com grande número de casos graves” nos países onde é predominante, como na Venezuela e no Caribe. Na prática, este vírus produz

as mesmas manifestações dos outros e, uma vez contraído, não voltará a infectar a mesma pessoa. Veja as ações previstas pelo Ministério da Saúde, os cuidados para evitar a doença e o tratamento adequado.

Clássica não traz complicações, mas hemorrágica é perigosa

Existem quatro subtipos de vírus da dengue, que, transmitidos pela picada do mosquito *Aedes aegypti*, provocam no ser humano os mesmos sintomas, podendo até não apresentar nenhum. Cada subtipo imuniza a pessoa contra ele. Veja os diferentes sintomas:

- Clássica: o paciente apresenta sintomas como febre alta (39° a 40°) de início repentino, seguida de dor de cabeça, dores no corpo, nas articulações e no fundo dos olhos, náuseas e vômitos. É frequente o aparecimento, de três a quatro dias após

o início da febre, de manchas vermelhas na pele.

- Hemorrágica: principais sinais ocorrem entre o terceiro ou quarto dia após o início dos sintomas. Aparecem então sangramentos espontâneos, manchas arroxeadas na pele, fortes dores abdominais e queda de pressão. Alguns sinais da dengue hemorrágica só podem ser detectados por exames laboratoriais, como a queda da quantidade de plaquetas (responsáveis pela coagulação do sangue).

Como evitar proliferação do mosquito

- » Não deixar água acumulada sobre a laje.
- » Manter o saco de lixo bem fechado e fora do alcance de animais até ser recolhido pelo serviço de limpeza urbana.
- » Manter a caixa d'água bem fechada para que não vire criadouro do mosquito.
- » Manter bem tampados barris e tonéis d'água.
- » Encher de areia até a borda os pratinhos dos vasos de planta.
- » Lavar semanalmente por dentro, com escova e sabão, os tanques utilizados para armazenar água.
- » Se você não colocou areia e acumulou água

- no pratinho de planta, lavá-lo com escova, água e sabão para tirar ovos do mosquito que podem ter ficado aderidos às paredes do recipiente. Fazer isso toda semana.
- » Remover folhas e galhos e tudo que possa impedir a água de correr pelas calhas.
- » Jogar em lixeira fechada objetos que possam acumular água, como embalagens usadas, potes, latas, copos, garrafas vazias etc.
- » Se você tiver vasos de plantas aquáticas, trocar a água e lavar o vaso por dentro com escova, água e sabão pelo menos uma vez por semana.
- » Colocar o lixo em sacos plásticos e manter a lixeira bem

- fechada. Não jogue lixo, pneus nem qualquer objeto que possa acumular água em terrenos baldios.
- » Lavar principalmente por dentro, com escova e sabão, os utensílios usados para guardar água em casa, como jarras, garrafas, potes, baldes etc.
- » Durante as epidemias, carros equipados com bombas de inseticida (o popular “fumacê”) circulam pelas ruas aplicando o produto para diminuir a população de mosquitos adultos no ambiente.



Saiba mais

Ministério da Saúde
Esplanada dos Ministérios
– Bloco G – Brasília (DF)
CEP 70058-900
Disque saúde: 0800 61
1997
www.saude.gov.br



CONFIRA A ÍNTEGRA DO
ESPECIAL CIDADANIA EM
[WWW.SENADO.GOV.BR/
JORNAL](http://WWW.SENADO.GOV.BR/JORNAL)

Tratamento contra o vírus é só para aliviar sintomas

Aos primeiros sintomas, a pessoa deve buscar imediatamente atendimento médico. O Ministério da Saúde informa que o tratamento é de suporte, ou seja, para alívio dos sintomas, reposição de líquidos perdidos e manutenção da atividade sanguínea. Somente após consultar um médico, o paciente deve:

- Usar medicação indicada para aliviar as dores e a febre (não tomar qualquer remédio à base de ácido acetil-salicílico, como AAS e Aspirina, pois esses alteram a coagulação e aumentam o risco de sangramento).
- Beber muito líquido (inclusive soro caseiro) durante todo o período da doença.
- Manter-se em repouso.

Alto risco de epidemia em 16 estados

“No Brasil, 70% dos casos de dengue concentram-se entre janeiro e maio”, alertou o ex-ministro da Saúde, José Gomes Temporão, em setembro do ano passado, no lançamento da ferramenta Risco Dengue, uma metodologia de avaliação da doença em todo país para prever casos e intensificar ações.

A ferramenta Risco Dengue coleta dados baseados em seis critérios: incidência atual de casos; incidência de casos nos anos anteriores; índices de infestação pelo *Aedes aegypti*; sorotipos em circulação; cobertura de abastecimento de água e coleta de lixo; e densidade populacional.

O ministério recomendou então ações de prevenção como visitas domiciliares, mutirões de limpeza urbana, reforço da coleta de lixo, eliminação e tratamento de criadouros nas residências e aplicação de larvicidas e inseticidas.

Apesar de todas as ações profiláticas, muitas pessoas no país foram infectadas, o que confirmou as previsões do novo mapa de risco da dengue, divulgado em janeiro pelo atual ministro da Saúde, Alexandre Padilha. Segundo o documento, passam de dez para 16 os estados com risco muito alto de epidemia.

Meio urbano facilita avanço do mosquito

A dengue é mais comum em áreas urbanas, principalmente nas grandes cidades, onde há mais habitantes e é maior a quantidade de criadouros para os ovos do mosquito resultan-

tes da ação do ser humano, como lajes de prédio, calhas, lixo e objetos que acumulam água dentro de casa.

O Ministério da Saúde aponta ainda outros fatores que

contribuem para a manutenção do mosquito transmissor no meio ambiente e a dificuldade de sua eliminação: a aglomeração de pessoas sem imunidade aos vírus e a depo-

sição de ovos pelas fêmeas do mosquito em vários locais com sombra e água acumulada, ao contrário das fêmeas de outras espécies, que depositam seus ovos em um único lugar.